

Arqueologia em Calendário

Dia Nacional das Linhas de Torres **20 de outubro**

A criação do Dia Nacional das Linhas de Torres foi decidido na Assembleia da República, por unanimidade, a 17 de outubro de 2014, prestando uma justa homenagem à memória e resistência do povo português, aliada à estratégia e engenharia militar. Consagra igualmente o sacrifício de todos aqueles que lutaram contra o invasor: integrados no exército aliado, construindo as fortificações, abandonando as suas casas e destruindo os seus bens, privando o exército invasor de se alimentar, pondo em causa a sua subsistência e o futuro do país.

A escolha simbólica do dia 20 de outubro prende-se com a circunstância de ter sido nesse dia, em 1809, que Lord Wellington dirigiu a Richard Fletcher um memorando, ordenando a construção de um sistema de defesa a norte de Lisboa. Alicerçado nos trabalhos de reconhecimento, efetuados pelo engenheiro militar Neves da Costa, foram erigidas quatro linhas, duas das quais atravessam a estremaadura portuguesa, do rio Tejo ao Atlântico, sistema defensivo que ficou conhecido como Linhas de Torres Vedras.

Constituídas por mais de 150 redutos, 600 pe-

ças de artilharia e um sistema de comunicações com dez postos de sinais, comportavam também um conjunto de outras obras militares acessórias, como trincheiras, abatises, covas de lobo, ou construções hidráulicas que visavam inundar vastas áreas e assim dificultar a progressão do exército invasor. Todo este conjunto de fortificações de campo articulava com uma rede de estradas que permitiam, no interior do sistema, garantir o abastecimento e a mobilidade das tropas do exército anglo-português. Mas, juntamente com as estruturas militares existiram outros edifícios indispensáveis ao comando e à logística, como os quartéis-militares, armazéns de abastecimento e hospitais. As Linhas de Torres foram defendidas por cerca de 140 mil soldados portugueses, britânicos e espanhóis, bem como tropas portuguesas não regulares, estendidos ao longo de mais de 88 quilómetros.

Neste memorando, Wellington especificou a estrutura estratégica das Linhas de Torres: «o grande objetivo português é o domínio de Lisboa e do Tejo, e todas as medidas devem ser dirigidas para esse objetivo.» Com efeito, a estratégia de Wellington foi de assegurar o controlo da cidade de Lisboa. Ele considerava que

era impossível defender toda a fronteira terrestre de Portugal e por isso recuou sucessivamente, desde Almeida até Lisboa, na procura de uma posição favorável. As Linhas de Torres eram praticamente intransponíveis pelo exército invasor, como tinha ficado demonstrado no Bussaco, a não ser com inúmeras baixas humanas.



A fuga da população para o interior das Linhas de Torres

Outro aspeto fundamental que reforçou o poder militar defensivo, pondo em causa o sistema militar, foi a implementação da “Política de Terra Queimada” que consistiu em destruir, a norte das Linhas, tudo o que fosse passível de ser aproveitado pelos franceses na sua

marcha para Lisboa. Esta opção implicou a destruição, juntamente com os confrontos, de todo o aparelho produtivo, o que muito agravou as condições sociais e económicas das populações. O medo e o desespero levaram a um êxodo populacional que se deslocou de norte para sul, não havendo, em Lisboa e arredores, capacidade para poder alojar tão grande número de refugiados, muitos dos quais morreram de fome e doença.

A estratégia de Wellington não foi consensual entre alguns elementos da administração portuguesa. Um dos contestatários foi Principal Sousa que defendia que o território deveria ser defendido junto à fronteira, como forma de poupar os portugueses aos confrontos. Em várias cartas dirigidas ao príncipe regente dá conta da situação social e económica difícil em que se encontrava o país, alertando para a necessidade de se tomarem medidas para obviarem a calamidade geral.

As Guerras Peninsulares inserem-se, num momento de transformação que abalou não só a Europa, mas também as suas colónias. Nos inícios do século XIX assistiu-se a uma re-

configuração geopolítica a nível global, com o surgimento de novas nações, como foi o caso do Brasil. A comemoração do Dia Nacional das Linhas de Torres é um modo de evocar este período da história nacional e internacional, bem como de repensar o papel de Portugal, país periférico, no contexto europeu.